

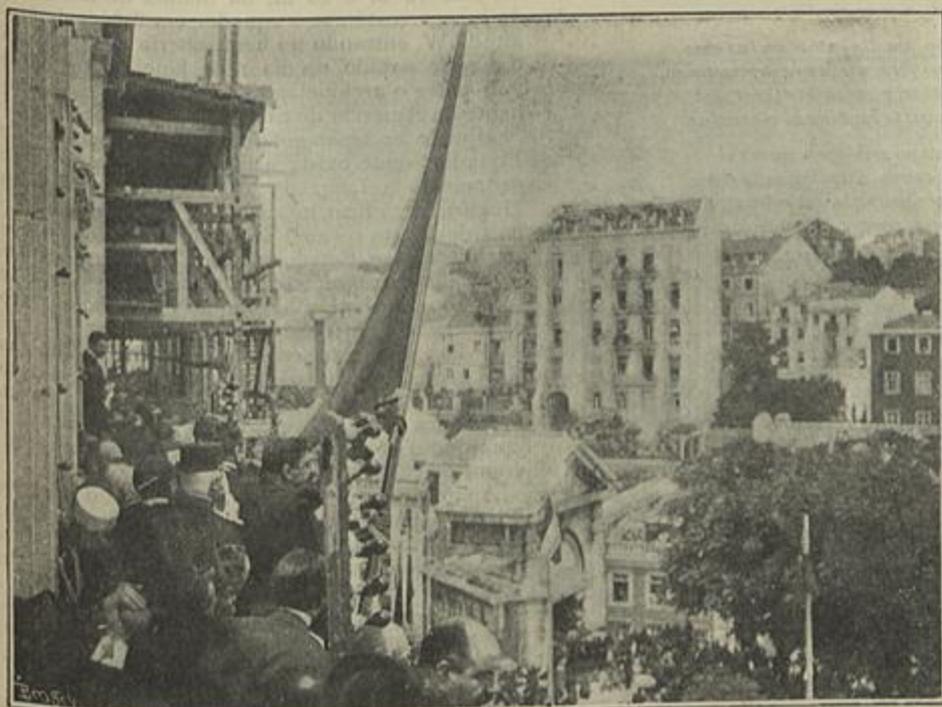
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1170	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$650	\$120	30 de Junho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Abertura das Côrtes Constituintes da Republica Portuguesa



DA VARANDA DO PALACIO DAS CÔRTEES É PROCLAMADA A REPUBLICA PORTUGUÊSA
(Vid. Chronica Occidental)

que devia alimentar aspirações de poder. Em pouco mais de vinte annos, a sua força augmentou espantosamente, e a propaganda nunca deixou de exercer-se, com uma actividade admiravelmente fecunda.

O insuccesso da revolta de 31 de Janeiro não abateu, não fez esmorecer o espirito de lucta que animava as forças republicanas. A victoria chegou, por fim, e é essa victoria que o Parlamento hoje consagra.

Desnecessario será insistir na importancia que tal facto reveste e no alcance que terá, para a consolidação do regimen, a reunião da Assembléa Constituinte. A missão que ella tem a representar na nossa historia politica é das mais sérias e delicadas; e por isso compreende-se a ponderação, o alto criterio, o claro raciocinio, a força de vontade, consciente e disciplinada, e a elevação moral de que os mandatarios do paiz devem ser dotados, para que jámais possam faltar aos seus deveres e á justa comprehensão das responsabilidades que o mandato dos seus concidadãos lhes confere n'este momento.

Temos de mostrar ás nações, cuja anciosa expectativa nos acompanha, que possuímos, em grau elevado, o civismo, que não deriva sómente da fé que depositamos n'um alto ideal de patria, mas da propria confiança nos meios praticos de que dispomos para lhe dar realisção.

O periodo das grandes luctas de propaganda findou; encontramos-nos, de facto, em uma fase de reconstrucção e de ordem, unica propicia a um trabalho util. Que todos os bons portuguezes se unam, pois, para effectuar esse trabalho, porque hoje, mais do que nunca, tem inteira applicação ao nosso paiz aquelle conhecido preceito de Taine: «o que conserva uma sociedade politica é o respeito de todos os seus membros uns pelos outros». Este primeiro parlamento da Republica não deve ser uma arena de paixões, onde

CHRONICA OCCIDENTAL

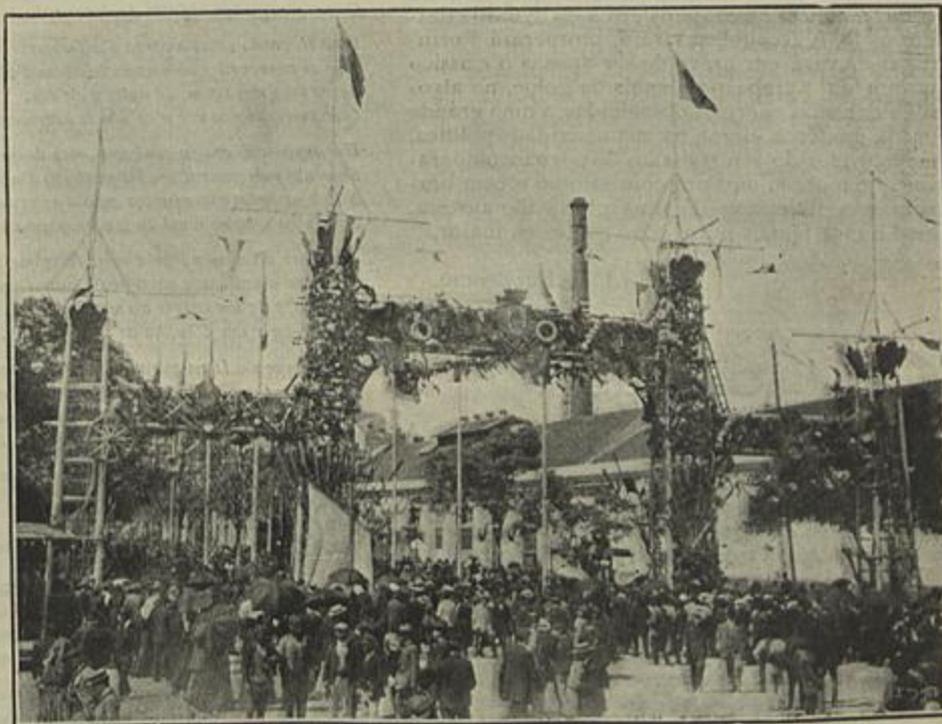
Feito pela consagração do suffragio, o reconhecimento definitivo das novas instituições politicas ahi temos já em pleno funcionamento, a Assembléa Nacional Constituinte. Apesar de nos ultimos tempos, se haverem espalhado propositadamente boatos e atoardas terroristas, no intuito manifesto de dificultar a existencia do regimen, especialmente ao findar do periodo eleitoral, a eleição foi um acto de disciplina e ordem, de serenidade e de cordura.

O acto revolucionario de 5 de outubro obteve a sua sancção juridica; e a Republica, já consagrada em ardentes acclamações populares, recebe no seu primeiro parlamento, a unica força que faltava, para se impôr ao reconhecimento das nações.

Tal facto deve ser grato a todos os portuguezes, porque, representando por um lado o restabelecimento da normalidade legal, na existencia politica da nação, não pôde deixar de influir tambem beneficemente no movimento regular dos negocios, actuando sobre a nossa actividade economica.

Ha muito que o paiz ambicionava uma mudança de vida. Fôra-se muito longe no impudor e na desvergonha, e era realmente indispensavel mudar de rumo. A agitação das luctas partidarias, nascidas das ambições mais insoffridas, não fez se não rebustecer o partido republicano que, na desmoralisação das clientelas monarchicas, encontrou a razão principal da sua existencia.

Tendo começado por intervir como elemento de fiscalisação e de disciplina moral, convenceu-se por fim, em face da reincidencia nos errós e nos crimes do velho regimen,



ARCO TRIUMFAL LEVANTADO NA AVENIDA DAS CÔRTEES, JUNTO Á GRANDE FABRICA DE CHOCOLATES INIGUEZ

se entrechoquem odios pessoas e partidarios. Tudo isso deve ter findado para sempre; e se é certo que não é possível excluir em absoluto de taes assembléas o ardor inevitavel em todos os debates politicos, a verdade é que o empenho de bem servir o paiz e o respeito mutuo que deve existir entre todos os membros da Constituinte intervirão como elementos de correcção parlamentar.

A felicidade da nação e o seu progresso necessario não dispensam a observancia d'estes principios, que, estamos certos, serão respeitados devidamente, afim de que o novo parlamento, votando a Constituição nacional, que ha de consagrar as normas da liberdade e da democracia affirme, ao mesmo tempo, o seu espirito de tolerancia e de nobre elevação civica, que tem de marcar a orientação do novo regimen em Portugal.

Basta de politica de odios, de recriminações, de scisão. Ha um seculo, isto admittia-se; agora, não. Mas lá o disse Rebello da Silva, bem, como sempre elle sabia dizer as coisas: «Gastámos em pólvora e bala, queimadas n'uns poucos de recontros obscuros, em marchas e contra-marchas, o dinheiro, os cuidados e a iniciativa, que bastariam para resolvermos o problema da nossa cultura, que dependia da acção illustrada do poder e da applicação proficua pos capitaes.»

Terremos o espirito e o coração ás paixões e ás precipitações que perturbam. De tantos e tão preciosos recursos dispomos, que o sermos sábios e prudentes bastará para sermos venturosos.

A Republica — isto está dito e redito, mas não faz mal continuar a dizel-o — precisa ser defendida com o apoio de todas as vontades sinceras e dedicadas. Ella é agora uma instituição ligada á estrutura e ao organismo da Nação.

A victoria da idéa republicana tem em Portugal o prestigio de uma resurreição. Não quer a chronica fazer eloquencia á custa de Portugal historico, rememorar Aljubarrota, Ourique, Sagres, como é costume depois que elle começou melancolicamente a viver do passado. Em presença dos acontecimentos ella só sente um entusiasmo austero, que corresponde á sua grandeza, e uma effusão de alegria vendo na bravura do impeto, na vibração da lucta, na cohesão do movimento, na magnanimidade e na fulguranca dos chefes, na confiança do povo os mesmos caracteres integraes do velho Portugal.

Agora Portugal refloresce, dirigido por homens fortes, pelos luctadores admiraveis que representam intellectualmente, pelas idéas que defendem, uma resistencia de tres seculos, lenta, obscura, fulgurante por vezes, mas continuada. Ultimamente esta resistencia accendeu-se em febre, delirou, cantou nas ruas de Lisboa o hymno da revolução, estrugiu nos canhões, vibrou no pulso do povo fagulhando de improviso uma revivencia do Portugal antigo. A resistencia chegou ao auge, creou a Republica.

A Republica nasce sob bons auspicios. Para tornal-a mais veneravel houve sangue de bravos, sangue de fanaticos. Para amparal-a nos primeiros tacteos, o povo deu-lhe a experiencia de um sabio, que nasceu republicano e que estudou como ninguém até hoje os erros da dynastia desthronada. A Republica viverá, prosperará. Portugal deixará em breve de ser apenas o classico jardim da Europa para subir de golpe, no alvo-roço das suas energias despeitadas, a uma grande patria moderna, digna na sua actividade politica, no espendor do seu trabalho do povo incomparavel que a creou outr'ora com sangue e com bravura e a illumina de uma gloria tão austera, qual nunca jamais outro povo conheceu maior.

JOÃO PRUDENCIO.

Cartas

II

*Anda no ar um remorso, anda no ar uma queixa,
D'um sonho que morreu na cruz d'uma ambição.
As aguas, tristemente, arrulham uma endeixa . . .
Mas tu podes cantar, que eu dou-te o meu perdão.*

*Bendita seja a luz, que entoa as harmonias
Dos astros, palpitando em vividas esperanças!
Pois dentro em mim tambem ha cores de creanças,
Mas dançam sobre um tumulto as suas alegrias,*

*Dos vivos astros cáiam santos lampadarios,
Que entõem, crepitando, um «de profundis» calmo.
As esperanças que ás vezes morrem nos calvarios.
Resurgem com mais luz á debil voz d'um psalmo.*

*Aspirações no vento correm aos milhares;
O coração das rosas é um sacrario augusto,
Ha noivados de luz em intimos altares,
Onde o infinito ignoto enflora no que é justo.*

*Levei pelos espaços, fito o olhar em ti,
Os sonhos que acordado todo o homem tem
O verme que subir até onde eu subi,
Ha de cair glorioso — é Icaro tambem.*

*A grande aspiração de toda a minha vida,
Aberta, como um valle, immenso e protector.
Em frente de mim, como a terra promettida,
Onde eu gosasse emfim as delicias do amor;*

*Miragem do deserto, ou sorte de Moysés,
Fogo fatuo a correr, perseguidoramente,
Condemnaram me os teus a ter grilhões nos pés,
Com azas no desejo e sonhos de demente.*

*Porta aberta ao Destino! Destino que é só meu!
E anda a gente a sonhar, a vida inteira, um amor
E não o pode alcançar. — Um sonho que morreu,
Pregado na cruz vil d'uma ambição maior!*

*Mas, praça a Deus! que nunca os filhos que tiveres,
Procurando o calor do beijo maternal,
Encontrem o regêlo de todas as mulheres
Que trocaram o amor pelo mais vil metal.*

*Mas, praça a Deus! que nunca hajás necessidade
De procurar refugio a uma grande dôr;
Porque has de deparar com essa frialdade
Da cubiça, do ouro, a quem vendaste o amor.*

*Se alguém estranho, um dia entrar em tua casa,
Co'a a sanha d'uma fera, uivando e arremetendo,
Co'o penetrante olhar, perseguidor, em braça,
Em vão, como Catam, te apersarás correndo;*

*Em vão te occultarás no seio das montanhas,
Nas nuvens ou nos astros. E, quando elle falar,
Has de sentir nascer no fundo das entranhas,
O trovão do remorso, sempre, sempre a accusar.*

*Has de sentir nascer uma turtura enorme,
Recondita tristeza, um tédio, um desamor,
Ao acordares d'um sonho, gelida, conforme
O gelido metal a que vendeste o amor.*

*Ainda ha quem accuse essas almas de luz
Que entregaram o seu a outro amor qualquer!
O mundo que e tão grande, ao minimo se reduz,
Se ao de um homem se unir um beijo de mulher.*

*E' pequeno demais o universo inteiro
P'ra caber dentro d'elle um só amor que seja;
E' rico o cavador, sem nunca ter dinheiro.
Porque tem tudo quanto um hamem bom deseja,*

*O cavador limita o seu desejo apenas
Ao palmo e meio de sombra onde ha de ter as sestas;
E elle anda bem feliz e lavado de penas . . .
— Na sombra é que secunda a alma das florestas.*

*E' licito aspirar, é licito subir.
A nodoa da ambição a agua é que a não lava.
Mesmo arrastando sedas te has de inda sentir,
Ao lado do teu principe, uma vil escrava.*

*Tudo que te cubrir o corpo escultural
(O marmore com vida, mas sem coração),
Tu mesma, emfim, pertence á mão senhorial
Que comprou um objecto de decoração.*

*P'ra ti, então serei a carta d'alforria
Que as convenções do mundo inhbem d'alcançar
Serei uma miragem, de noite e de dia,
Que quizeras não ver p'ra não te atormentar.*

*E a aspiração que tu conheces, mas desprezas,
Sómente por amor d'um vil punhado d'ouro,
Não a apagam esconjuros, não a apagam rézas:
Será p'ra sempre irmã do teu phantasma loiro.*

*A mulher d'um mendigo é mais feliz que tu,
Pois deu o seu amor em troca d'outro amor;
Se o beijo de um cobrir ao outro o corpo nu,
Ha de vagir um filho, ha de florir a Dôr,*

*Tu, — praça a Deus que não! — has de sentir roer
As lagrimas no peito, um remorso na alma,
Bem tarde arrependida e sem esperança de ter,
Em toda a longa vida, a mais ligeira calma.*

*Pois, á hora da morte, tem qualquer mendiga,
A cerrar os seus olhos um choroso neto;
E tu, tão orgulhosa da nobreza antiga,
Talvez que não possuas nem um só affecto.*

*Ah! nem um só affecto, a flôr d'uma amizade!
Tão rica e opulenta, como um Creso antigo . . .
Ter por escravo o mundo aos gestos da vontade . . .
E, de tanto esplendor, nem um só peito amigo!*

*Eu sei que te não move a dôr que me causaste.
Porta aberta ao Destino! Vão pelo ar dispersos
Os meus sonhos. Perdão-te! . . . E, embora isso me baste. . .
Ah! . . . quero me vingar fazendo te maus versos.*

JOSÉ BOAVIDA PORTUGAL.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

No dia 25 pelas 9 horas da manhã suspendemos e seguimos com optimo tempo em direcção a Panamá. A manobra de suspender foi bastante delicada, por isso que um vapor mercante, que depois de nós entrou no porto, teve a infeliz idéa de fundear sobre o nosso ferro.

Felizmente não houve avaria. Ao sair do porto içaram os navios peruanos o signal de boa viagem que agradecemos. Pelas 2 horas da tarde passámos as ilhas de Huaura no canal entre Pelado e Mazorca e das 4 h. e 30 m. ás 5 h. e 30 m., aproveitando o estar proximo do Equador magnetico, compensámos de novo a agulha padrão. Viram-se todo o dia e durante a noute muitas aves aquaticas.

A's 8 horas da noute de 26 passámos 4' a oeste das ilhas de Lobos de Afuera; no dia 27 continuámos contornando o continente americano com terra á vista por EB. O mar sempre plano, nunca chove, quasi não ha vento, de modo que é certamente este o mar mais pacifico que tenho visto. Nem o mar das Patas, na costa de Angola, lhe chega.

Pelas 10 h. e 20 m. da manhã do dia 28 de março cortámos o equador em 81° 34 de longitude W, entrando no hemispherio norte d'onde tínhamos sahido no dia 1 de janeiro. Passámos pois entre o archipelago de Galapagos e o continente da America do Sul.

Aquelle archipelago pertence á republica do Equador, onde existe actualmente uma corrente de opinião a favor da sua venda aos Estados Unidos, visto ficar no caminho da Australia, depois de aberto o canal de Panamá e por isso poder convir aos Estados Unidos. As ilhas, banhadas pela corrente fria, tem fraca vegetação e pouco produzem; apenas terão valor como ponto strategico.

O Equador está em pessimas circumstancias financeiras. Para festejar ha pouco a chegada do caminho de ferro a Quito, teve de suspender os ordenados aos empregados publicos e o papel com que o governo faz pagamentos tem um desconto de 70 %.

Além d'isto o Equador tem receio de que os Estados Unidos se apoderem do Archipelago, dispondo as cousas de modo que elle proclame a sua independencia, como aconteceu em Cuba e Panamá.

No dia 29 começou a soprar vento NNE muito fraco, continuando o mar perfeitamente plano. Fizemos um exercicio de portos geraes de combate.

O carvão que mettemos em Callao é muito bom (Ocean Merthyr, triple Screened). Com a velocidade média de 11 milhas, temos consumido entre 69 e 74 kilos por milha. Creio porém que foi a ultima vez que obtivemos carvão Cardiff; d'aqui em diante teremos de servir-nos de carvão americano Pocahontas.

Na madrugada de 30 avistou-se por EB terra do Golfo de Panamá, pouco depois estavamos em comunicação telegraphica com o transporte dos Estados Unidos Buffalo e com o paquete peruano Huallaga ali ancorados, e ás 2 h. e 50 m. fundeavamos perto d'aquelle transporte, a mais de duas milhas de terra, em 25 pés d'agua na baixamar.

De Panamá a Salina Cruz

Pelas 2 h. e 50 m. da tarde do dia 30 de março, fundeámos em Panamá.

Pouco depois veiu a bordo cumprimentar-nos um official do transporte de guerra americano Buffalo, visita que pouco depois retribui. Este transporte chegava ha pouco de Nicaragua, onde esteve desde novembro com 750 homens de infantaria de marinha a bordo, por causa das questões politicas n'aquella republica. Parece que o novo presidente só foi por emquanto reconhecido pelo Mexico e pela Allemanha. No dia 31 de março fui em companhia do consul de Portugal Ramon Arias Feraud, visitar o Ministro das Relações Exteriores do Panamá, Samuel Lewis, e em seguida dirigi-me aos magnificos escriptorios da direcção do Canal, onde estive com o secretario Mr. Bishop. Este senhor foi para conosco muito amavel fornecendo-nos passes para os comboios e recomendo-nos aos chefes de serviço e engenheiros, e pondo á nossa disposição automoveis para visitar estas grandiosas obras. Não me compete a mim, simples official de marinha, fazer a critica d'esta grande obra, desde que em 1881 começa-

ram os trabalhos pela companhia formada por Fernando de Lesseps, celebre pelo Canal de Suez. Ficar-me-ia tambem mal se não me referisse no meu relatório á visita que, acompanhado de alguns officiaes, fizemos aos trabalhos em pleno desenvolvimento. E' sabido que a primitiva companhia franceza começou levemente os trabalhos sem um bem estudado projecto e sem conhecimento necessario do clima, como é proprio da raça latina. Os trabalhos começados em outubro de 1881 eram suspensos em março de 1889 depois da economia franceza ter perdido o melhor de 260 mil contos, e de muitos homens publicos da França ficarem envolvidos n'este lodo financeiro.

O clima mortifero pelo cholera, febre amarella, etc., era tão mau que ainda hoje se diz que cada travessa da primitiva linha ferrea de Panamá a Colon, representava a vida de um homem.

As difficuldades e custo d'um canal de nivel tornavam-n'o inexequível.

Concluida a guerra Hispano Americana, resolveram os Estados Unidos fazer um canal, e depois de um estudo comparativo dos varios traçados propostos decidiu-se acceitar a offerta da Companhia de Panamá, que offerecia os seus direitos, o trabalho executado, e o material das obras, por 40 mil contos.

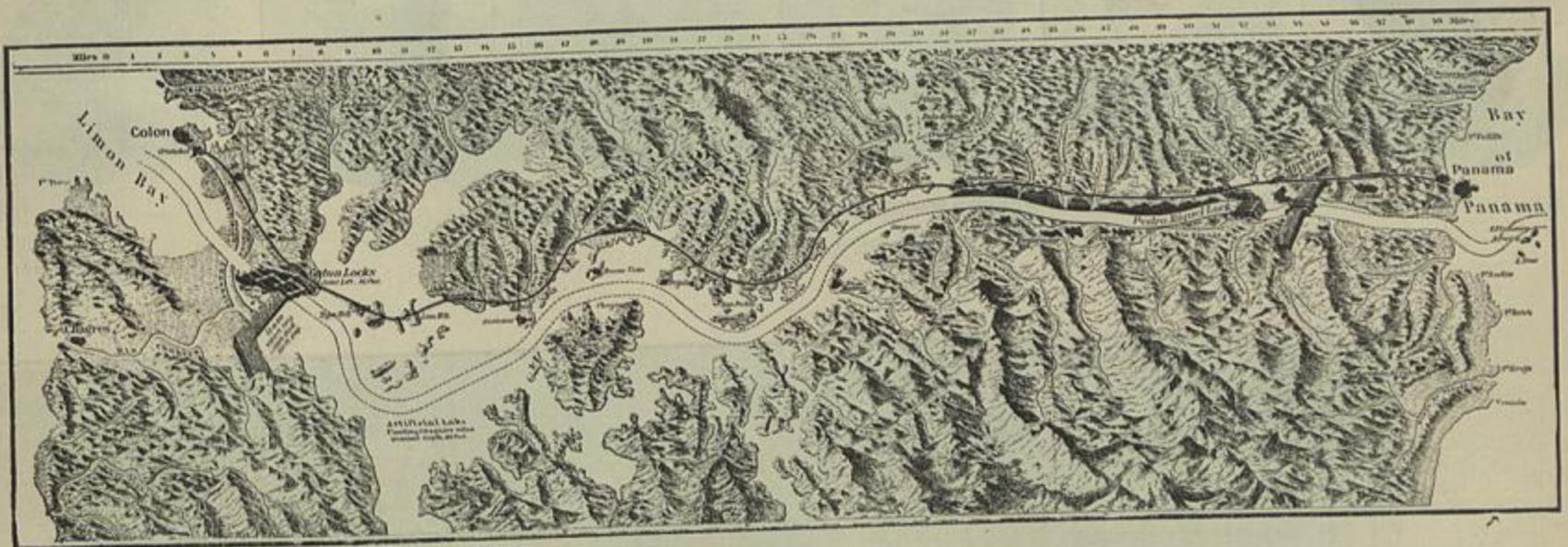
Era necessario obter praticamente posse do terreno onde ia existir o canal, ao mesmo tempo

nhado de 5 officiaes em direcção a Gatun, onde se estão construindo as maiores eclusas do mundo. O campo é muito pittoresco e accidentado. A vegetação tropical é muito variada, e proximo ás habitações, é aproveitada para jardins, que fazem um lindo effeito.

Em quasi todas as estações entram creanças nos comboios, que com bôa côr, alegres e sós, vão com os seus livros para as escolas publicas do Canal. Perto da estação de Pedro Miguel começam os grandes movimentos de terras. Cruzam-se constantemente comboios que, compostos d'uns 30 wagons de 32,5 toneladas cada um, transportam terra e pedra. De vez em quando apparece um «Wrecking train» ou trem de soccorro, rebocando guindastes de 75 ou 100 toneladas. Passado Pedro Miguel vêem-se quatro grandes transportadores electricos, especie de *Titans*, que por meio de *grips* removem a terra. A seguir a linha ferrea actual, que vae ser substituida por outra já quasi prompta, atravessa o futuro canal e segue a margem esquerda. Todas as locomotivas teem um *tender* de fôrma especial para de noite, andando de recuo, se servirem d'um projecto para illuminar a via. A' 8 h. e 10 m. chegámos a Gatun, 40,49 milhas de Panamá e 6,78 de Colon no Atlantico.

Dirigimo-nos ao escriptorio do Canal onde entregámos a carta de recommendação de que eramos portador ao tenente coronel de engenharia

rasta para fóra. Por debaixo d'este armazem e dos depositos de areia e cascalho passa um caminho de ferro electrico, sem fim, cujos wagons recebem a areia, a cal e o cimento que lhe caem de cima. Estes wagons andam sós, recebem a corrente por um terceiro rail, e andam sempre com a mesma velocidade, quer subam quer desçam, quer andem carregados ou vazios, que lhe é dada por meio d'um motor de velocidade constante. Este facto causa á primeira vista uma certa surpresa. Vão estas filas de wagons despejar o seu contheudo na parte superior dos *Mixers* de systema Smith, que são grandes tambores de ferro, movidos por electricidade, que depois de misturar a massa se inclinam e lançam pelo eixo o *concrete* prompto a empregar. Este *concrete* cae n'uns baldes de ferro que uns wagons semelhantes aos primeiros conduzem ao *transporter*, que os tira do wagon e os vae lançar na parte em construcção. Este machinismo é tão completo que se pôde dizer, como me disse um official americano: — Só lhe falta falar. Fômos em seguida vêr a barragem (*Dam*) cuja construcção começou 10 pés acima do mar, está em 50 e ainda faltam 40. Quando completa terá 8.500 pés de comprido e 1.500 de largo por 100 de alto. Machinas a vapor movendo bombas expellem por longas e grossas canalisações de tubo de ferro, areia, cascalho e agua, que misturados com a terra argilosa do terreno devem formar a bar-



O CANAL ENTRE COLON E PANAMÁ

que para evitar difficuldades diplomaticas não convinha conquistar em seu nome o territorio. Tentou-se um tratado com a Columbia, que o parlamento d'esta republica regeitou.

Fomentou-se uma revolução e fundou-se a republica de Panamá, que é de facto uma dependencia dos Estados Unidos. E' claro que a republica de Panamá accedeu a todas as condições. Os Estados Unidos ficam com uma facha de 5 milhas aavez do isthmo de cada lado do canal, e sabendo da necessidade imperiosa dos serviços de hygiene, determinaram que ficassem a seu cargo, não só os serviços de hygiene e quarantenas, nas aguas da republica de Panamá, mas a superintendencia d'estes serviços em Colon e na propria capital, Panamá. Resultou d'aqui que com os methodos, talvez violentos, mas scientificos e seguros que foram empregados, o cholera, a peste, as febres e os mosquitos desapareceram d'um paiz quente, humido e pantanoso! Existem optimos hospitaes, grandes e confortaveis hoteis, commodas, higienicas e bonitas casas de habitação para os empregados e operarios, e as estatisticas mostram que o isthmo de Panamá, é um dos pontos salubres do territorio dos Estados Unidos.

Para visitar as obras do canal é conveniente ir cedo, disse-me o secretario da direcção.

«De tarde as linhas estão cheias de comboios de serviço das obras e estes não param para ninguém, nem para o Presidente da Republica.»

«Será um grande desapontamento para nós se o canal não estiver prompto muito antes da data fixada, 1 de janeiro de 1915.» As escavações de 103 milhões de jardas cubicas, que deviam ser feitas em 8 annos, fizeram-se em 4. Agora faltam 70 milhões. Na folha de pagamento figuram uns 35.000 homens que vencem mensalmente mais de mil contos. No dia 1 de abril parti de Panamá no comboio das 6 h. e 35 m. da manhã, acompa-

W. L. Sibert, que nos recebeu muito amavelmente pondo á nossa disposição o major Harding, seu immediato, e um automovel de via. Fômos vêr as eclusas, a primeira das quaes, a partir do lago para o Atlantico já está quasi prompta. Pôdem entrar n'ellas navios de mais de mil pés de comprido e cem de bocca. São eclusas duplas, servindo pois para dois navios de cada vez. Os navios teem de subir ali 85 pés, divididos pelas tres eclusas. Cada eclusa deve poder encher-se em quinze minutos. Para que a entrada repentina d'uma tão grande massa d'agua não incomode os navios, a agua entra por muitos furos que existem no fundo da eclusa.

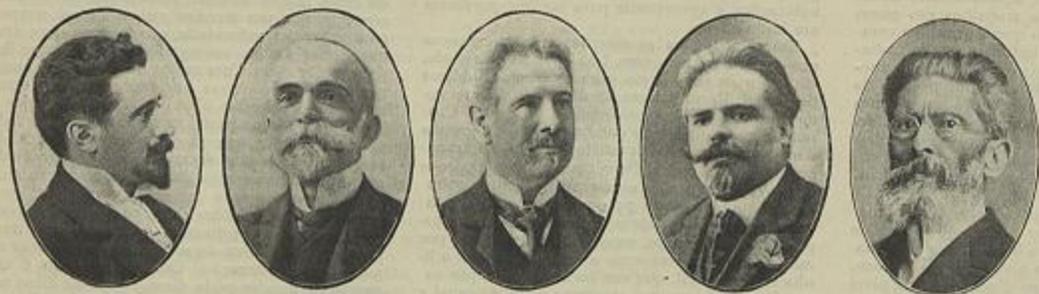
A primeira eclusa tem portas duplas, para o caso de avaria casual ou propositada. Calcula-se que os navios gastarão hora e meia na passagem d'estas eclusas, e umas 10 horas na passagem total do canal. No lago artificial de 110 milhas quadradas, que cheio de ilhas deve ficar uma cousa linda, vae poder navegar se a toda a força, 30 milhas. Na construcção d'estas eclusas, apezar das machinas serem quasi todas automaticas, empregam-se 5.000 homens, 15 comboios carregados de areia e pedra e 3.000 barricas de cimento, diarios. Para facilidade nas fundações foi escolhido um terreno de rocha. Sondou-se a 50 pés e viu-se serem sufficientes alicerces de 13. Fômos depois em automovel visitar os trabalhos das outras eclusas e a preparação do «concrete». Por um canal artificial que liga com o antigo canal francez até Cristobal, entram barcaças e rebocadores trazendo areia e barricas de cimento. Estes materiaes passam para uns grandes armazens — só de cimento existiam 100.000 barricas — para onde são içados por guindastes de varias especies. As barricas depois de despejadas n'uns ralos deitam-se n'um *conveyer* ou transportador, que consta de uma calha onde uma corrente sem fim as ar-

ragem. Tem havido discussões sobre a estabilidade d'este *dam*, mas os engenheiros affirmam não haver o menor receio. Fômos ainda visitar o «Spillway» por onde mais tarde deve sahir a agua em excesso que receber o grande lago. Esta agua deve ser empregada em força motriz para o serviço das eclusas e illumination. A parte inferior d'este Spillway tem em construcção um grande tunnel para onde brevemente vae ser desviado um rio, afim de poderem proseguir as obras no seu leito actual. Findou aqui a nossa visita a Gatun, onde é necessario ir para se fazer uma idéa do grandioso da obra.

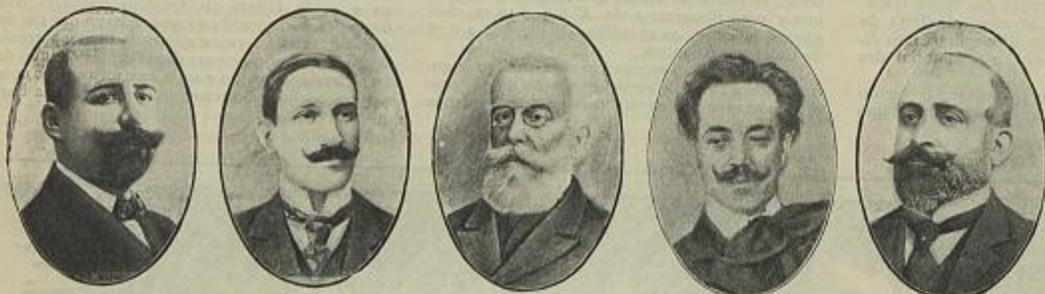
No dia seguinte parti á mesma hora com 4 officiaes para Culebra, afim de apreciar aquelle gigantesco córte na montanha. Novamente ficámos bem impressionados com o campo, sempre verde, semelhante ao campo inglez onde não faltam nem os *lawns* nem os *courts de tennis*.

A's 7 h. e 10 m. estavamos na estação de Culebra, onde existe a maior povoação e residencia do coronel de Engenharia Geo. W. Goethals, presidente da commissão do canal. Esperavamos ali um bello automovel de via no qual por vezes chegámos a andar á razão de 80 kilometros á hora. Por todos os lados se encontram comboios de serviço rebocando wagons com terra. De vez em quando apparece uma locomotiva com duas bandeiras brancas, como as que levavamos no nosso automovel. Quer isto dizer que são comboios extraordinarios que só pôdem seguir nos intervallos dos outros. Percorremos todo o Culebra Cut, 9 milhas. Nos sitios onde os trabalhos estão mais atrasados, falta cavar 90 pés dos 300 que o monte tinha de elevação. Em quasi todo o Cut se vêem cinco vias ferreas em diferentes planos, Estão em serviço perto de 700 locomotivas. No terreno vêem-se canalisações de agua para as caldeiras das escavadoras e de ar

Abertura das Côrtes Constituintes da Republica Portuguêsa



Dr. Afonso Costa — Dr. Bernardino Machado — Dr. Teófilo Braga — Dr. Antonio J. d'Almeida — Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes



Dr. João de Menezes — Sá Pereira — Anselmo Braamcamp Freire — Luz de Almeida — Dr. Afonso Lemos

DEPUTADOS DE LISBOA



O BUSTO DA REPUBLICA INAUGURADO NA SALA DO PARLAMENTO
(Esculpção do sr. João Silva)

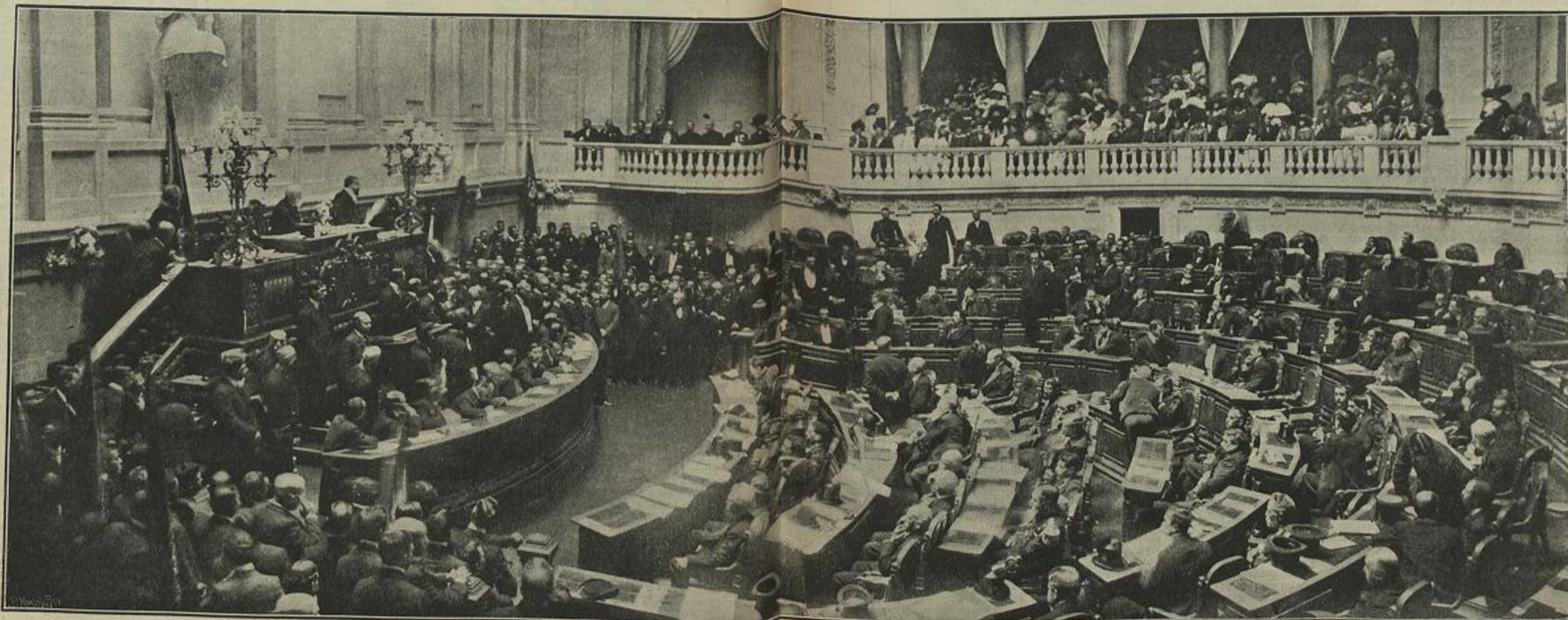


José Barbosa — Dr. Alfredo de Magalhães — Dr. Magalhães Lima — Dr. Alexandre Braga — Botto Machado



Capitão Afonso Pêra — Capitão de mar e guerra Ladislau Parreira — Tenente Machado Santos — Capitão tenente José Carlos Maia — Alfredo Ladeira

DEPUTADOS DE LISBOA



A Presidencia
Os representantes das camaras municipais, occupam os lado da presidencia

Tribuna do corpo diplomatico
Os membros do Governo provisório
SESSÃO INAUGURAL DAS CÔRTEES CONSTITUINTES

As galerias com Senhoras

comprimido para as brocas. As escavadoras «Steam Shovels» são quasi todas do systema Bucirus. De cada colherada cortam 5 jardas cubicas ou 7 toneladas. Calculei que enchem um wagon por minuto. Vi 65 a trabalhar. As brocas trabalham em geral em grupos de 8. Vi 12 d'estes grupos a trabalhar e 27 outras brocas mais pequenas de tripé. De vez em quando descem dos montes filas de carregadores conduzindo á cabeça caixas com dynamite, e outros com padiolas vermelhas transportam escorvas. Uma bandeira vermelha cravada no terreno é aviso que se vão dar explosões perto.

De distancia em distancia uns pequenos kiosques elevados no terreno, a que chamam «Tower» e designados pelas letras do alphabeto, servem para d'ali se dirigir o movimento dos comboios. Estão ligados por meio de telephone. Alguns comboios de terras vão ligados com grossos cabos de arame e guinchos para vencer as grandes rampas. Depois de percorrer todas essas obras entrámos na «Mainline» e com uma grande velocidade regressámos a Panamá.

Mandei os aspirantes acompanhados do official immediato e tenente Branco Martins visitar as obras, pois julgo ser isso de muita vantagem para a sua illustração.

Acompanhado do consul visitei o porto de Balboa situado no canal a umas cinco milhas do Oceano Pacifico, já em exploração, e ligado pela via ferrea. Atracam já ali ao caes todos os paquetes onde desembarcam os passageiros e a carga. Fui convidado pelo encarregado de negocios do Equador, Ramon Farias F., a almoçar no magnifico hotel Tivoli, mandado construir pelo Governo dos Estados Unidos.

No dia 2 de abril pela manhã fundearam os dois cruzadores couraçados *Tennessee* e *South Dakota*, que vão em caminho para as festas de Buenos Ayres, acompanhados por um transporte de carvão que os vae abastecer em Punta Arenas.

Esta divisão é commandada pelo capitão de mar e guerra B. A. Fiske, com quem troquei cumprimentos.

Ao meio dia do dia 3 atracou uma barcaça com 128 toneladas de carvão que com a nossa gente mettemos a bordo em 8 horas de trabalho. Deixámos a barcaça fundeada com uma luz, como nos fôra recommendado, e ás 11 h. e 15 m. suspendemos e começámos a navegar em direcção a Salina Cruz, em cumprimento das ordens recebidas de Lisboa.

Na manhã de 4 navegámos com terra á vista e muito bom tempo a sair do Golfo de Panamá; ás 8 h. e 30 m. passámos meia milha ao sul do ilheu «Fraile do Sul.»

Ficámos agradavelmente surprehendidos com os bons resultados obtidos com o carvão «Pocahontas» que em Panamá nos foi fornecido pela Panamá Railroad Company.

Quando chegou o carvão á borda n'um grande bateão parecia, aos olhos profanos, que se iam receber um monte de cinzas. Resultou porém da experiencia que o consumo tem sido inferior ao do carvão Cardiff. Com a velocidade de 10'7 consumimos em boas condições 68 kilogrammas por milha. Tem além d'isto este carvão a vantagem de sujar pouco o navio quando se embarca, por ter pouco pó.

Continuámos navegando com bom tempo ao longo da costa da America Central. No dia 7 viam-se muitas tartarugas á superficie e grandes cardumes de peixe que dava grandes saltos fóra d'agua.

Encontrámos n'este dia uma pequena ondulação da prôa, que obriga as machinas a dar 520 rotações por milha em vez de 505 que vinhamos dando. Ao preço do carvão que estou queimando esta differença a mais representa 12\$000 réis por dia.

Na manhã de 8 começou a soprar NW regular e avistou-se terra por EB. A's 9 h. e 30 m. reconhecemos Salina Cruz pela prôa.

Não havia a bordo plano do porto de Salina Cruz nem o pudemos obter nos portos em que ultimamente fizemos escala.

Fóra do porto artificial esperava-nos um rebocador com um pratico que nos conduziu para o porto exterior, onde amarrámos para boias de pópa e prôa, e fundeámos com 45 braças do ferro de BB. Eram 11 horas da manhã.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



A primeira lagrima de amor que se faz derramar, parece um brilhante; a segunda uma perola; a terceira... uma lagrima.

Digressão pelo oeste do Algarve

III

(Concluido do n.º 1169)

Agora era o regresso á capital, feito todo de noite e comprehendese que a fadiga de tanta jornada nos fizesse sempre dormir, com um intervallo em Beja, atravez dos campos algarvios e alemtejanos, que tanto nos impressionaram na ida.

Pela madrugada acordei, aproximava-se o comboio do final da viagem, do Barreiro, onde pouco depois passava da excellente estação, para o magnifico vapôr, que nos devia conduzir a Lisboa.

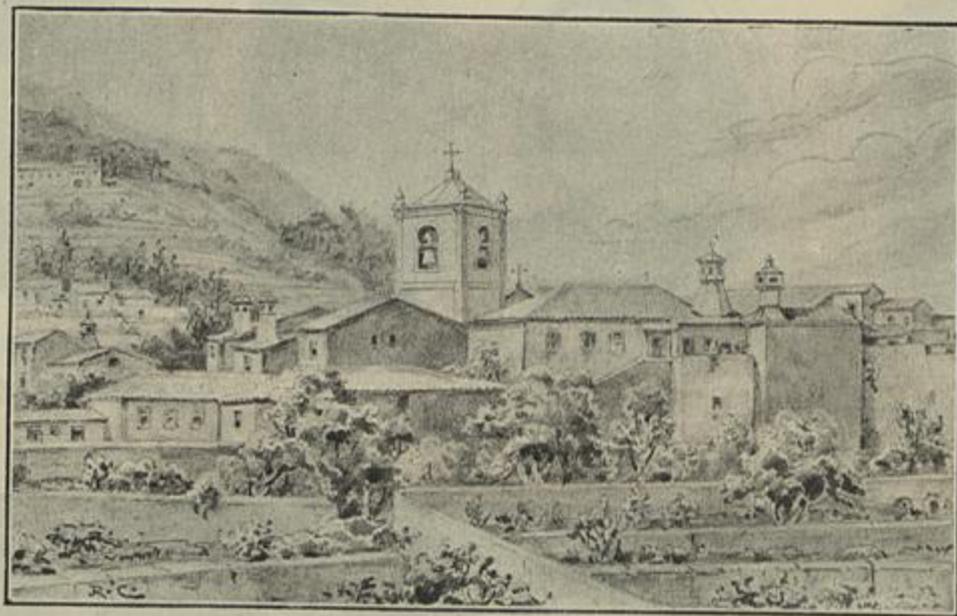
A grande cidade mal se avistava lá muito ao longe, envolta n'uma côr cinzento claro, confusa, depredada, e como que afundada em parte nas aguas do Tejo.

Largou o vapôr com os passageiros e após algumas evoluções, aproou á cidade, seguindo uma

e quadrelas defendidas pelo povo e guerreiros do *Mestre d'Aviz*; ante o Terreiro, no Tejo, outros combatentes n'alguns varineis e galés defendem tambem heroicamente a praia dos ataques dos castelhanos, que pelo rio e por terra apertavam a cidade em terrivel cerco.

Esbate-se a épica scena e agora são os famosos Paços da Ribeira, que á esquerda e parte do fundo limitam o Terreiro do Paço, n'elle se erguem estrados flamengos com arrazes e bandeiras, para a côrte do rei *Venturoso* gozar d'ali as justas e jogos equestres de donairósos lidadores. Estingue-se a garrida visão e novos palanques de negro forrados, se erguem mais proximo ao Tejo, apinhados de fidalgos e burguezes do tempo do rei *Piedoso*; grande e sinistra procissão ali desfila, um frade prega com grandes gestos, varios padecentes heréticos são amarrados a postes sobre montes de lenha e ali de novo se acendem os *archotes humanos dos jardins de Nero*, para maior gloria de um Deus todo amôr e bondade; a negra fumarada dos supplicados no entanto vae perdendo-se pelo Tejo fóra.

Dilue-se o horrido quadro e outro se lhe segue: vejo o Terreiro do Paço com o imponente ter-



UM ASPETO DE MONCHIQUE COM AS SUAS ORIGINALS CHAMINÉS
(Desenho de Ribeiro Christino)

como estrada de balisas; á direita ficava-nos os curiosos moinhos, á holandeza, do Barreiro, á esquerda apparecia a baixa casaria do Seixal; agora o Sol já nado, illuminava de frente as vermelhas encostas do Alfeite, recortando-se-lhe no alto o vasto pinhal; á memoria acudiam-me recordações de quando estudante eu ia pela manhã por ali fóra com a minha caixa de pintura, em busca de assumptos para estudos do natural, e a boa vontade com que comia o farnel, acompanhado de vermelhos medronhos colhidos na matta.

Mais adiante destacam-se em conjuncto Caci-lhas e Almada, com imprevisto aspecto vistas do largo, tudo dominado pela igreja de S. Paulo, onde Garrett fez passar as dolorosas situações do *Frei Luiz de Souza*.

Lisboa já se avista agora em todo o seu grandioso desenvolvimento, com o seu formosissimo recorte, conhecendo-se-lhe os principaes edificios e templos; o vapôr aproou então direito ao Terreiro do Paço, ainda minuscuro pela distancia, mas apreciando-se-lhe já com nitidez os seus trez magestosos palácios, colocados em esquadria, como que em solemne parada em honra da estátua equestre. Ao considerar-mos a nobre Praça, tão cheia de recordações históricas, á nossa imaginação afigurou-se-nos ver ante ella desfilar uma fita de cynematographo em quadros dissolventes, prepassando-nos rapidos pela vista.

Primeiro via-mos o Terreiro limitado ao fundo por uma série de prédios de empêna, com portas e janelinhas, terminados no alto em angulo agudo, proprio da casaria medieval; por detraz destacava-se a Sé e mais alto a Alcaçova com suas torres; vindo da Outra Banda, desembarcava ali o rei *Justiceiro* e o povo vinha alegremente saudá-lo, em quanto o monarcha, ao agudo toque de tubas de prata, ia alegremente dançando com as colarejas, em direcção á Alcaçova.

Os contornos e côres desvanecem-se e outro aspecto se define, mostrando agora o Terreiro limitado ao fundo por continua grande muralha

reão da Casa da India e toda a praça cheia de plintos, estatuas, festões e galhardêtes; ali o povo vem saudar, e quantos de má vontade, o rei *Pio*, um soberano estrangeiro, que tem o governo da nação portugueza, o qual rei desde Almeirim, vem Tejo abaixo em rico bergantim, festivamente, visitar a maior cidade do seu novo estado.

Somem-se os festejos e nova visão se aclara na fita: agora no Terreiro do Paço um numeroso grupo de audazes fidalgos atacam a tiro e estocadas as guardas estrangeiras e bem depressa atirado do alto de uma janela dos Paços, vem cahir na Praça o cadaver de um preverso portuguez, em quanto o povo livre sauda delirante o Portugal restaurado.

Mais um quadro gloriôso se esfuma e se esvae, e agora vêm-se sinistramente os palacios e torres oscilarem, derrocarem-se, em quanto o Tejo n'uma colossal onda sismica, trazendo no dorso, navios e galleões que na terra se despedaçam, tudo alaga e subverte; desaparece a cidade e desaparecem os Paços da Ribeira, com todas as suas riquezas e valôres artisticos, n'elle por séculos accumulados, demonstrando-se ali a inmanidade do esforço humano ante as forças da Natureza.

Desvanece-se a espantosa scena e outra se succede, agora no mesmo Terreiro do Paço, vê-se a sua amplidão limitada por trez lados com palacios e arcarias, segundo o projecto seguido por um extraordinario estadista; trez alinhados arruamentos a elle vem dar; uma brilhante exposição de industrias e artigos de commercio ali se estadeia (a primeira da Europa), e grandes festejos celebram a inauguração da *Memoria*, formoso conjuncto de arte, e obra monumental de um portuguez.

Um ridiculo quadro apparece a seguir: o povo aglomera-se no Terreiro do Paço e n'elle desembarca o rei *Clemente*; então nobres e ricos burguezes desatrelam as bestas do coche real, e entre aclamações pucham elles proprios o carro do

príncipe, que abandonára a patria, sob o terror de ser aprisionado por alguns milhares de rôtos e descalços soldados da França, prestigiosos porém pelas victorias da Revolução e do Império.

Apaga-se na fita a tórpe visão e uma outra se lhe segue gloriosa: milhares de pessoas representando as forças da Nação, na presença do rei *Popular*, se reúnem no Terreiro do Paço, todo festivo em grande gala, e n'um cortejo civico, alegrado por vistosos carros allegóricos, a'ali partem, a saudar o monumento do alto cantor das glorias de Portugal.

Some-se a brilhante scena e no Terreiro avistam-se brancos fumos de tiros, cujos êchos se repercutem por todo o mundo; ali cinco homens das mais opostas condições sociaes, morrem tragicamente; triste epilogo de uma aventura liberticida.

Uma ultima scena passa no visionado *ecran*, que a imaginação me sugere: innumerables collegias, estudantes, associações de burguezes e de operarios, todos com seu distinctivo, pendões e bandeiras, juntam-se na grandiosa Praça e em longo cortejo d'ali partem, a venerar nos maravilhosos Jeronymos, as cinzas do mais alto caracter e do maior intellectual portuguez do seculo XIX.

O vapor está já perto do Terreiro do Paço, centro da vida politica e administrativa da nação; veem-se-lhe os seus palácios e torreões de novo limpos e remoçados! áquella histórica praça, a Praça Nacional por excellencia, o povo, sempre justiceiro e simplista, continúa a denominar-a pelo seu tradicional nome, não se acostumando á banal denominação que lhe puzeram.

Retinem os signaes para a machina parar e o vapor é amarrado á sertanêja ponte-estação, que provisóriamente — ha tantos annos — estadeia o seu misero aspecto junto á nobre architectura do torreão do Ministerio da Marinha.

Desembarco, e sobre as viscosas tabuas da ponte, volto-me para o sul, agora limitado pela distanciada serra da Arrabida, e rememoro na imaginação o fertil e formosissimo Algarve de barlavento, com a sua admiravel bahia e costa de Lagos, a graciosa ria de Portimão, os formosissimos arredores da vetusta Silves e principalmente a linda Monchique, alcandorada na alpeste Foia, com os seus jardins escalonados e as vistosas chaminés alegremente coloridas e recortadas, tudo a mais de duzentos kilometros, tão longe demora, e cujas belezas em vão tentei descrever n'esta desataviada narrativa, feita a convite do meu amigo e indefesso director do OCCIDENTE.

Aqui lembro a muitos que pôdem viajar, que deixem panurgicamente de irem sempre para o Norte, e vão tambem ao Sul, admirar mais aquella linda terra d'este

Jardim da Europa á beira mar plantado.

Agosto de 1910.

RIBEIRO CHRISTINO.

O 50.º anniversario da unidade da Italia

Inauguração do monumento a Victor Manuel II

Roma, a cidade eterna, a do Imperio, a da Edade Media, a da Renascença ou dos Papas, que todas estas épocas ella reune e conserva, abriu gora as suas portas aos milhares de forasteiros superiores a dusetos mil, para lhes mostrar mais uma nova cidade que inicia a dentro de seus muros — a Roma da Italia Unida!

Com que esforço, com que difficuldade e, quasi, com que remorços ella inicia essa nova cidade, representada em velhos edificios, negros, sombrios, ao longo de suas tortuosas e estreitas ruas ou *corsos*, por suas acanhadas *piaças*, até desembocar na campina, contrastando sua tristesa interna, com a alegria do sol que mais se alastra e brilha pela largueza dos campos que a cercam ou se reflete nas aguas do Tibre que a retratam.

Mas a nova cidade inicia-se, ainda que para isso tenha que destruir parte das velhas cidades que ali se guardam, em que cada pedra é um monumento, como em Diu, e é no 50.º anniversario da Unidade Italiana, que o neto de Victor Ma-

nuel II, associado com os 28 milhões de habitantes do seu país — pois todos concorreram para o monumento com dois milhões de *liras* — inaugura a nova Roma, principiando pelo monumento comemorativo da Unidade Italiana personificada no rei *Galante-uomo*, com a maior cooperação de Cavour, a grande cabeça dirigente e Garibaldi, o caudilho sublime, tão valoroso quanto desprendido.

Este monumento, não sabemos se será a oitava maravilha do mundo, mas o que elle é, com certeza, é digno da Roma do Imperio, não hesitando em collocar-se sobre a Colina do Capitolio, em que assenta.

Ainda não está de todo completo, e já decorreram vinte e seis annos, desde que lhe lançou a primeira pedra, o rei Humberto a 22 de março de 1885. Facilmente se comprehende, ao vêr tão grandiosa fabrica, que ella tenha levado todo este tempo para chegar ao ponto em que está, e melhor se poderá avaliar, se nos lembrarmos das difficuldades de varia especie, em que as da politica tem sua parte, que por vezes interromperam os trabalhos ou deminuíram seu andamento.

Os dois milhões de *liras* com que o povo italiano concorreu em subscrição publica, pôde calcular-se que não vão além da vigessima parte da quantia a despender e que não é inferior a quarenta milhões de *liras*, devendo até calcular-se que irá além desta cifra, quando estiver toda a obra concluida, em que as espropriações e demolições entram por quasi uma oitava parte.

Agora perguntará o leitor: mas que sumptuosa fabrica é esta, e qual a sua utilidade pratica, para com ella se gastar tão fabulosa soma, nestes tempos de utilitarismo e em que os povos gemem sob o peso de tributos, que mal os deixam viver nas parquissimas condições de alimentação e de confortos até nos tugurios em que habitam?

E' o que vamos explicar tão rapidamente quanto possivel, com relação ao que determinou o levantar este monumento, e descrevel-o sucintamente, abstendo nos de entrar na critica filosofica e economica da sua ereção.

A morte de Victor Manuel II occorrida em 9 de janeiro de 1878 comovera toda a Italia, e sob essa comoção elle pensou em levantar em Roma um monumento ao rei que realisara a unidade italiana. Abriam-se subscrições publicas que reuniram dois milhões de *liras*, ou 320:000\$000 de réis.

Seria já uma bonita soma para fazer um monumento, mas a ideia que presidia era mais grandiosa ainda e, por isso, o Estado incluiu no seu orçamento oito milhões de *liras* para esse fim, abrindo-se ao mesmo tempo um concurso universal com premios destinados aos projetos que se apresentassem em condições de os merecerem.

Concorreram nem menos de dusetos e noventa e tres architectos e esculptores da Europa e da America, mas não se apresentou nada que satisfizesse!

Em 1882 abriu-se um novo concurso, mas só para artistas italianos, e cujo têmea fixava o seguinte: «Uma estatua equestre, sobre um fundo architectonico e competentes escadarias.» O monumento erguer-se-ia sobre a parte norte da colina do Capitolio, entestando na *Piazza de Veneça* e immediata ao famoso Capitolio.

Ao fim de dois annos, em 1884, encerrava-se o concurso e eram escolhidos tres projetos dos architectos Sacconi, Manfredi e Schmidy, aos quaes se conferia, a cada um, o premio de 10:000 *liras*.

Tinha, porém, que resolver-se qual o definitivo projeto a executar-se, e para isso fez-se um novo concurso entre os tres escolhidos, sendo então preferido o projeto do architecto Sacconi, e confiada ao autor, tambem, a direção das obras, e conferido o titulo de conde, pelo rei Umberto.

Lançada a primeira pedra do monumento, em março de 1885, como acima se referiu, proseguiram as obras, principiando por expropriações que custaram uns quatro milhões de *liras*, assim como para firmar os alicerces se dispendeu muito mais do que estava orçado, pois encontraram-se no sub-solo cavernas e estensas galerias que foi mister encher, com grande dispendio de material e mão de obra.

Evidentemente, a subscrição publica e as quantias votadas pelo Estado não chegavam para a obra e Sacconi teve de fazer um novo orçamento de dezesseis milhões e quinhentas mil *liras* para o que faltava, importancia que se incluiu no orçamento em annuidades de tres a quatro milhões de *liras*.

Prosequiam as obras deste maravilhoso monumento, quando, em 1905, morreu o seu genial autor Sacconi.

Era mais um contratempo a reunir aos muitos que até ali haviam conspirado. O governo nomeou então os architectos Kock, Manfredi e Pia-

centini, para dirigirem as obras, que assim tem proseguído até agora, não obstante a morte do architecto Kock occorrida em 1908.

A sumptuosa fabrica deste monumento consta de duas partes, como são: a estatua equestre de Victor Manuel II sobre um grandioso pedestal de marmore circundado por quinze estatuas representando Roma e mais quatorze cidades principaes e historicas da Italia; e pela soberba columnata sobre escadarias, rematada aos lados por dois porticos salientes com seus frontões e coroados por duas quadrigas, em bronze, guiadas cada uma pelo anjo das victorias, o que faz fundo á estatua.

O interior de tão grandioso monumento é um conjunto de arte que por toda a parte reveste os salões destinados a museus historicos, onde a historia da unidade italiana ocupa importante lugar. Aos lados e base do monumento ha duas fontes monumentaes representando os mares Tirreno e o Adriatico. Por todo o monumento se espalham estatuas colossaes e allegoricas, feitas pelos primeiros esculptores italianos.

Impossivel descrever, nos limites de uma simples noticia, todas as minuciosidades deste colossal monumento, bastará dizer que elle ocupa a estensão de 135 metros de largura e se eleva a 86 metros acima da Piazza de Veneza.

A estatua, de proporções colossaes, é de bronze dourada a purpurina, e é obra do esculptor Chiaradia, que faleceu em 1910.

A fundição custou 250:000 *liras*, tendo empregado 50 toneladas de bronze. Para dar ideia da grandiosidade deste grupo equestre, bastará saber-se que antes da sua fundição houve um banquete de 70 talheres no interior do cavallo, que mede 12 metros de largura.

As proporções correspondentes da figura de Victor Manuel II são que a cabeça tem a altura de um homem, a espada que cinge, quatro metros de comprida e assim por deante.

E' este o monumento que foi inaugurado em 5 deste mez, por Victor Manuel III, com toda a solemnidade official e o concurso do povo italiano, reunindo se pela primeira vez, em Roma, os representantes de todas as provincias e municipios da Italia, na confraternisação de uma festa nacional commemorativa da Unidade Italiana.

Não foi esta a unica solemnidade comemorativa, a ella se juntaram diversas exposições de Belas-Artes e Etnograficas, quaes dellas as mais atraentes, vendo-se ali não só o que a Italia produz de mais soberbo em Arte, como o que ella tem de mais curioso em seus usos. Assim, pôdem observar-se, as cidades mais caracteristicas do país, aldeias, palacios e outros edificios historicos, tudo reduzido, em pasta.

A par destas exposições outra se abriu no historico castelo de Sant'Angelo, em que se exhibem, objetos de arte antiga, quadros, esculpturas, armaduras, ceramicas e mosaicos, um sem numero de preciosidades, vindas de toda a Italia e ali reunidas naquella já de si monumento da Velha Roma.

CAETANO ALBERTO.

O MEZ METEOROLOGICO

Maio 1911

Barometro. — Max. altura 769^{mm},7 em 18.
Min. > 754^{mm},1 em 10.

Termometro. — Max. altura 26°,0 em 6.
Min. > 10°,6 em 27.

A temperatura conservou-se, em geral, baixa para a época e poucos dias houve com maximas superiores a 20°.

Chuva — 33^{mm},3 em 8 dias, sendo o unico dia de chuva notavel em 10, 11^{mm},6.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 13 dias.
> Nublado 16 dias.
> Encoberto 2 dias.

Relampagos — Em 25.

Trovões — Em 12.

Um mendigo a um avarento:
— Meu bemfeitor, uma esmola pelo amor de Deus! A miseria bate-me á porta.
— Pois não lh'a abra.

Comercio e Industria

50.º Anniversario da Unidade da Italia

Cumpra-nos nesta secção recomendar hoje aos nossos leitores o Estabelecimento de Moveis, Papeis Pintados e Oleados do sr. Antonio José de Sousa, na rua do Poço dos Negros, n.ºs 89 e 91, como um dos melhores sortidos, para bem servir o publico de Lisboa e das provincias, para onde, o seu proprietario, envia amostras.

O sr. Antodio José de Sousa, antigo empregado que foi da casa Silva & Irmão, conhece muito bem este ramo de comercio, o que lhe facilita a execução de todas as encomendas que lhe dirijam assim como a modicidade dos preços, pois as boas condições em que adquire os artigos do seu comercio, permitem-lhe fazer vantagens incomparaveis aos seus clientes.

PUBLICAÇÕES

O Semeador. — *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa (Sindicato agricola central).* Desde janeiro que nos visita esta util publicação e bem nos pesa o só agora dar noti-

cia do seu aparecimento, devido á falta de espaço que temos para esta secção. Principiámos por chamar util a esta publicação e que mais util poderá ser neste país agricola do que dessiminar por todos os modos a instrução agronomica, devesar todos os segredos da Industria Mãe! E' este o grande serviço que o *Semeador* se propõe prestar á agricultura portugueza, e para isso elle péde o concurso de todos os espiritos cultos para que venham em auxilio desta grande obra de regeneração economica da nossa terra.

A colaboração do *Semeador* é já importante e

musicas e respetivas letras, algumas ilustradas, de cantos populares portuguezes e brasileiros: *Acalanto, Giralduinho, Tricana de Aldeia, Maria Paula. Um Fado em dois tons e um Orfeon Tia Batista.*

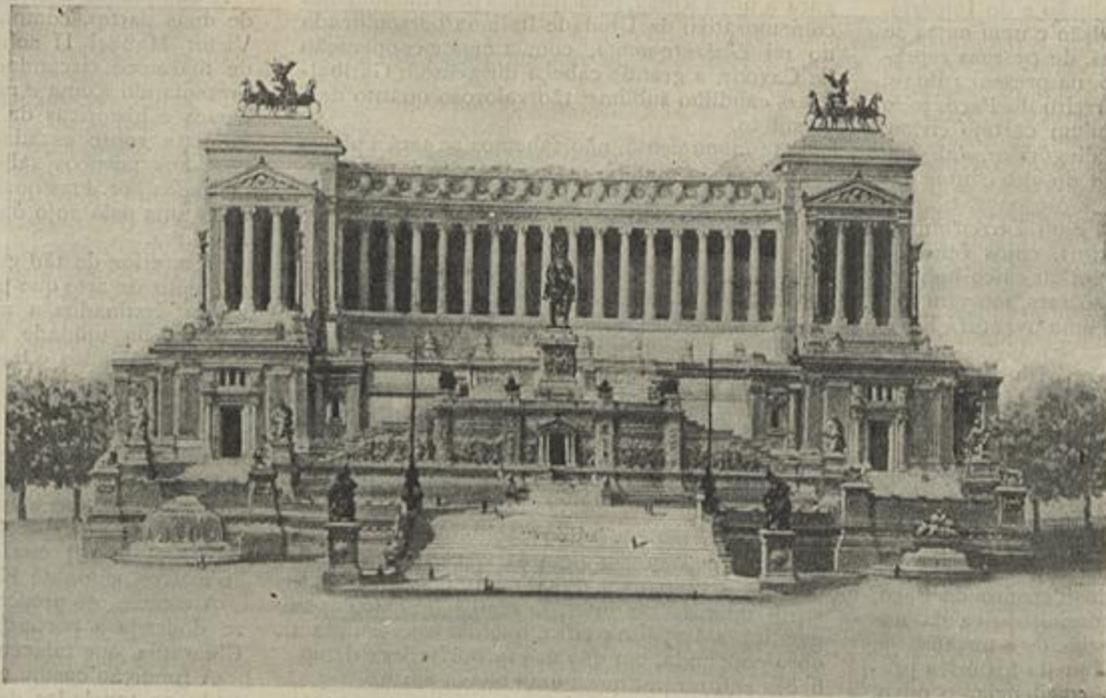
Leis da Republica Portuguesa — Porto — Sob este titulo vem publicando em folhetos o sr. J. Ferreira dos Santos, a serie de leis decretadas pelo Governo Provisorio. Recebemos os n.ºs 4 e 5 que, respectivamente inserem as leis do Divorcio e do Inquilinato.

vasta, dentro do seu programa, o que não impede de fazer o seguinte apelo, que insere no primeiro numero:

«Aos membros prestimosos d'esta Associação pedimos a sua valiosa colaboração neste Boletim, informando-nos sobre quaesquer assuntos de interesse para a lavoura e commercio agricola, esclarecidos com as indicações que a experiencia das suas profissões lhes sugiram.»

Congratulamo-nos com os benemeritos iniciadores do *Semeador* e oxalá que elle atinja o patriótico fim que se propoz.

Folk-Lore Musical Luso Brasileiro, por Americo Angelo. Empresa Folklorista, Porto. Recebemos os n.ºs 6, 7 e 8 desta publicação com as seguintes



MONUMENTO A VICTOR MANUEL II, INAUGURADO EM ROMA, NO DIA 5 DO CORRENTE
(Cliché da Mala da Europa)

Electro Anesthene Tugman (Registado)

PATENTE

Operações sem dor, sem perigo, sem cocaina
Por meio da Syringa Electrica A. B. Tugman

Demonstrado em Londres, Portugal e Hespanha perante a arte e approved

Tratamento de doenças da bocca e nevralgias por meio das infiltrações electricas

TUGMAN LOCAL ANESTHESICO — EEMPLASTROS TUGMAN

O unico meio de operar sem dor e sem perigo

A. B. TUGMAN, DENTISTA — PALACIO FOZ

Apparehos fabricados pelo **DENTAL MANUFACTURING COMPANY, LIMITED — Londres**

Agencia e deposito de aparelhos Hickie Brothers

RUA DO CRUCIFIXO, 7, 1.º — LISBOA



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

Contos e Digressões POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de A. Ramalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C., Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças.* E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para colleccões.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200